LADUSANS, Prof. Dr. P. Stanislaus
RUMOS DA FILOSOFIA ATUAL NO BRASIL (Em auto-retratos)
São Paulo, Edições Loyola, 1976, 533 págs.

A coleção de Auto-Retratos que compõe o volume "Rumos da Filosofia no Brasil", idealizada e dirigida pelo Prof. Dr. P. Stanislaus Ladusãns, representa a tentativa, sem dúvida, original, de realizar um levantamento do pensamento filosófico no Brasil de hoje, através da exposição, por parte dos cultores brasileiros da Filosofia que se auto-retratam, do próprio itinerário em

busca da verdade, bem como das soluções que consideram válidas aos problemas com que se defronta a Filosofia em terras brasileiras.

A originalidade e a importância da iniciativa, da qual o presente volume representa apenas o primeiro de uma série, residem no fato de que, a pesquisa ora realizada, visa "constatar a verdadeira situação global das atuais idéias filosóficas brasileiras" (Prólogo, XIV) e, numa fotografia da realidade filosófica no Brasil de hoje, alcança, para o depoimento em que essa pesquisa se traduz, um autêntico sentido de atualidade que as diversas Histórias da Filosofia no Brasil, evidentemente, não podem alcançar. Além disso, o contacto direto que se estabelece entre o leitor e o pensamento filosófico brasileiro na atualidade, através da galeria de auto-retratos que constitui o livro, confere a esse trabalho de pesquisa indiscutível dinamismo e vivacidade, firmando no leitor a convicção de que está entrevistando, com exceção de alguns poucos, representantes vivos da Filosofia no Brasil que não apenas discorrem sobre a gênese de seu pensamento filosófico, não apenas traçam os contornos de suas mundividências no interior das quais elaboram suas soluções para os problemas impostos pela realidade do universo e do homem, mas antecipam planos e constroem projetos de trabalhos futuros, deixando a impressão nítida de um pensamento ainda em plena evolução.

A perspectiva com que foi idealizada a pesquisa, iniciada em março de 1967, sobre "a situação atual do pensamento filosófico no Brasil" (Prólogo, VII) e consubstanciada neste primeiro volume de **Rumo da Filosofia Atual no Brasil** não deixa também de constituir, pelo caráter de objetividade de que se reveste — são os próprios representantes da Filosofia brasileira que expõem as linhas mestras de seu pensamento filosófico — apreciável contribuição à história da Filosofia no Brasil.

Num mundo que se transforma cada vez mais numa "aldeia global", em que o intercâmbio científico, em todas as suas dimensões, se impõe como decorrência do estágio de civilização e progresso que alcançamos, a iniciativa do Prof. Dr. P. Stanislaus Landusãns representa valiosa contribuição e estímulo ao espírito comunitário do pensador brasileiro, evidenciando valores porventura ocultos no contexto do pensamento filósofico nacional e propiciando, entre todos, o diálogo fecundo sem o qual a Filosofia se esteriliza e morre.

O testemunho proporcionado pela obra em apreço de que a Filosofia no Brasil é uma realidade presente, viva e dinâmica, cujo potencial enriquece o patrimônio cultural da jovem nação brasileira que repensa, ao em-

bate dos problemas que a desafiam, os grandes temas do pensamento europeu, em busca de soluções que satisfaçam às exigências e às características peculiares do homem brasileiro, não deixará de representar também incisivo apelo, dirigido a todos os seus leitores e, especialmente, à juventude, para que se decidam a participar, criativamente, da vitalidade do pensamento filosófico no Brasil.

Uma análise mais profunda do conteúdo filosófico organicamente incorporado aos vinte e sete auto-retratos, estruturados fundamentalmente a partir de doze perguntas formuladas a cada um dos cultores da Filosofia que se auto-retratam no volume, — não obstante os moldes forçosamente restritos desta simples apresentação — evidencia a riqueza da contribuição que a obra oferece à reflexão filosófica.

Assim, ao estudar o problema da existência de uma Filosofia nacional no Brasil, (Pergunta 7ª do "Apelo aos Cultores da Filosofia" de 27 de março de 1967; Prólogo, X) Agostinho José Ferreira considera "que a Filosofia no Brasil ainda é pobre de idéias políticas, pois o que existe ou é importado, ou alienado da realidade ou inaproveitado" (pág. 20), admitindo a existência de uma Filosofia nacional "como esforço comum de toda uma nação no sentido de pensar os seus problemas e encontrar as soluções mais adequadas a eles", desde que "as filosofias nacionais permaneçam abertas para o pensamento universal", a fim de que não degenerem em "isolamento ideológico" (pág. 21). Na opinião de Alcântara Nogueira, a Filosofia "se destina a funcionar como valor indispensável à formulação crítica de múltiplos problemas nacionais" (pág. 48), enquanto, para o Prof. Antônio Joaquim Severino, "a missão específica da Filosofia, frente à realidade brasileira do momento, é lançar-se numa profunda reflexão buscando entendê-la, interpretá-la e possivelmente orientá-la, fecundando as mentes daqueles que assumem papel eficaz na sua construção social" (pág. 82). Cruz Costa não admite a existência de uma Filosofia nacional, embora considere que tudo quanto se faz no Brasil traga a marca de nossa maneira de ser. (pág. 168) Num breve escorço histórico, observa ele que a Filosofia no Brasil constituiu, quase sempre, instrumento de ação, despertando-se, no século XX, entre o "transoceanismo saudosista de uns" e o "nacionalismo ingênuo e afoito de outros" para a compreensão dos problemas tipicamente nacionais. (pág. 169) Ao discutir o problema da possibilidade de uma Filosofia nacional, Emílio Silva pondera que a Filosofia que reflete sobre a problemática fundamental do ser do homem e do mundo e que, portanto, é basicamente una e universal, pode assumir feições e características que traduzem influências decorrentes da fisionomia peculiar de cada povo, imposta pela sua

origem, pela sua formação cultural e pela sua vivência histórica (pág. 201). No que tange ao Brasil, pensa que ainda não se possa falar especificamente de Filosofia brasileira, porquanto, no Brasil, não se manifestou ainda um pensamento filosófico verdadeiramente autônomo (pág. 202). Gilberto de Mello Kujawski opina que a responsabilidade da Filosofia no Brasil consiste em "conduzir nosso país à consciência de si mesmo, através da mediação da razão histórica" que explica, narrando, a realidade, numa continuidade dialética entre presente, passado e futuro (pág. 285). No entender de Leôncio Basbaum, não há filósofos no Brasil, mas apenas cultores da Filosofia, porquanto falta ao intelectual brasileiro, "quer por ausência de um lastro cultural, quer por um complexo de inferioridade, a coragem de fazer valer seu próprio pensamento" (pág. 386). A vocação ecumênica que João Camilo de Oliveira Torres descobre no homem brasileiro, herança da cultura portuguesa, (pág. 355) parece, coincidentemente, no entender de Mário Ferreira dos Santos, vocacionar também o povo brasileiro para uma "Filosofia de carácter ecumênico" (pág. 415), que representaria a contribuição tipicamente brasileira à Filosofia universal. O complexo de inferioridade, mencionado por Leôncio Basbaum, é lembrado também por Miguel Reale que o responsabiliza pelo tolhimento do brasileiro na proposição de sua própria experiência filosófica, embora considere que a originalidade intencional e a qualquer custo degenere fatalmente em posições pretensiosas e artificiais. Reputa o Brasil já "em condições de participar do diálogo universal das idéias" (pág. 437).

Num momento da história da humanidade em que o progresso tecnológico, ao mesmo tempo que surpreende e empolga o homem pela grandiosidade de suas realizações, o deixa perplexo e amendrontado perante a ambivalência de um saber científico que, sustentando a técnica, não raro, vacilante em suas fundamentações, se esquece do próprio homem a ponto de colocar em risco, friamente, os mais legítimos valores humanos, o problema do relacionamento entre Filosofia e ciência não só é importante mas representa inadiável empenho para a reflexão filosófica. Ao focalizá-lo, (Pergunta 5ª — Prólogo, pág. X) Alcantâra Nogueira entende que a Filosofia não pode prescindir da contribuição das ciências experimentais que lhe proporcionam "o necessário suporte de positividade" para as especulações em torno do homem e do universo (pág. 43). Para Alvino Moser, Filosofia e ciência experimental se colocam em dimensões diversas, o que deve conduzir o cientista e o filósofo ao respeito das peculiaridades de cada tipo de saber, sem que isso represente impossibilidade de encontro e de mútuo entendimento, cabendo à Filosofia a tarefa de oferecer à ciência experimental sua necessária fundamentação (pág. 68).

O problema do relacionamento entre ciência e Filosofia, no entender do Prof. Antônio Joaquim Severino, já não existe mais no Ocidente, referindo-se evidentemente às reflexões epistemológicas destinadas à delimitação das fronteiras entre essas duas áreas do saber humano. Observa, entretanto, que a separação entre ciência e Filosofia não implica a ruptura do relacionamento entre cientistas e filósofos. Antes, o progresso das ciências experimentais não importa uma "concorrência desleal" mas impõe à Filosofia o imperativo de se manter constantemente informada sobre as mais recentes conquistas da ciência, sob pena de se desatualizar em relação à cultura espiritual de seu tempo (pág. 89). O diálogo, porém, entre filósofo e cientista só será fecundo na medida em que for respeitada a especificidade metodológica respectivamente da Filosofia e da ciência, único terreno em que serão descabidas quaisquer concessões. O Prof. Antônio Joaquim Severino considera também que, no Brasil, onde a pesquisa científica alcança elevado nível de desenvolvimento, "é impressionante a distância que separa filósofos e cientistas". A Filosofia desconhece a ciência e esta, "num cientificismo pretensioso", arvora-se em substituta da Filosofia, concebendo-se, orgulhosamente, como capaz, "mais por ausência do interlocutor filosófico do que por auto-afirmação altaneira" (pág. 89), de oferecer um conhecimento exaustivo da realidade. Ao filósofo, portanto, que convive com a ciência, compete, "sem vãs ambições" e "pretensões autoritárias", apontar objetivamente as limitações da ciência, aceitando e oferecendo as imprescindíveis e recíprocas complementações. Gilberto de Mello Kujawski entende que a crise por que passa a física contemporânea, em conseqüência do princípio de incerteza de Heisenberg que leva, a própria física, a admitir sua incapacidade de proporcionar ao homem uma imagem adequada do universo, representa, no reconhecimento de suas próprias limitações, a abertura de perspectiva nova para um novo diálogo com a Filosofia. À física permanece aberto o campo da Probabilidade, enquanto compete à Filosofia explorar a vastidão da Realidade (pág. 288). A adequada solução do problema da ciência no seu relacionamento com a Filosofia posiciona naturalmente outro problema de fundamental importância para se definir a possibilidade do pensamento humano de alcançar uma compreesão mais profunda e integral do ser do homem e do mundo. Propõe-se à reflexão filosófica o exame de sua capacidade de abertura. "para uma visão transcendental da realidade na perspectiva das razões metafísicas". (Pergunta 8ª – Prólogo, XI.)

Ressaltando as limitações do conhecimento do real proporcionado pela ciência empírica, Agostinho José Ferreira observa que existem noções que representam elaborações da nossa inteligência e que, "apesar de

predicados reais do mundo cósmico", (pág. 22) transcendem as possibilidades do nosso conhecimento sensível e ultrapassam os critérios de mensurabilidade que caracterizam a ciência experimental para se colocarem no plano da Metafísica. Estranha, freqüentemente, não a negação da Metafísica, mas a atitude daqueles que, prisioneiros de uma perspectiva neopositivista ou materialista, aparentam permanecer dentro das fronteiras da física ou da Filosofia materialista e fazem metafísica, através da formulação de princípios de validade universal e de explicações que ultrapassam os limites de suas próprias perspectivas. O Prof. Antônio Joaquim Severino, inserido num contexto antropológico, lembra a insistência com que se invoca uma Filosofia encarnada, capaz de conhecer o homem, não apenas na sua realidade abstrata, mas envolto e mergulhado em todos os seus condicionamentos (pág. 90). Observa, porém, o que se pretende não é o enclausuramento da realidade extremamente complexa do homem no interior de uma visão naturalista que afogue qualquer possibilidade sua de transcendência, porquanto a realidade do homem "não se esgota com o relatório das ciências nem com as conclusões filosóficas". Apesar de profundamente encarnado em determinado contexto situacional, o homem, pelo poder do pensamento, vence os seus condicionamentos e, questionando-se sobre a razão última de seu ser, explorando as razões metafísicas de sua existência, apela para "uma transcendência pessoal que justifique a transcendência da própria pessoa humana". Aponta Emílio Silva certa tendência do pensamento moderno de rejeição da Metafísica (pág. 203). Considera, entretanto, que somente a Metafísica pode conferir ao homem de hoje o necessário poder de síntese para que ele não se desoriente na vastidão incomensurável dos conhecimentos humanos em torno do homem e do mundo. Surpreende-se com o "vergonhoso servilismo" de filósofos que negam a possibilidade da Metafísica apenas porque essa negação se impõe como decorrência das posições assumidas por Kant, perante o qual sacrificam a tão alardeada autonomia da própria reflexão filosófica (pág. 204). A negação da Metafísica implicaria, no entender de Emílio Silva, a admissão da transitoriedade de todos os valores, a renúncia à fundamentação da própria ciência e a declaração da inconsistência da religião, da moral, da política, enfim, de toda vida do espírito (pág. 206). Gilberto de Mello Kujawski entende que o pensamento contemporâneo processa, de forma cada vez mais plena, a reinstauração da Metafísica, embora permita, freqüentemente, que ela descambe, anacronicamente, para a Ontologia (pág. 292).

No painel de mundividências que compõem a galeria de auto-retratos estão presentes, também, os que não admitem a possibilidade da Metafísica e a emergência do pensamento humano para um plano de realidades

transcendentes ao mundo da experiência sensível, como Ivan Monteiro de Barros Lins (pág. 337), que movimenta sua reflexão filosófica no interior de uma perspectiva positivista (pág. 334), ou como Leôncio Basbaum que descobre contradição entre razão e Metafísica (pág. 388), a partir de uma cosmovisão definida como "marxismo aberto" cuja preocupação é se manter, entretanto, sempre mais aderente ao pensamento de Marx (pág. 385).

A atitude filosófica assumida perante a possibilidade ou não de uma abertura do pensamento humano a realidades que transcendem o mundo da experiência sensível importa profundas e decisivas repercussões na solução do problema de Deus e na reflexão sobre o ateísmo contemporâneo. (Pergunta 11ª — Prólogo, XI.)

É evidente, portanto, que os pensadores que estruturam sua reflexão filosófica sobre os princípios da Filosofia tomista não apenas afirmam a existência de Deus, mas fundamentam essa afirmação em motivos rigorosamente racionais.

Assim, Agostinho José Ferreira que alicerça sua admissão da existencia do Ser Necessário, Causa Eficiente de todos os seres contingentes, na sublimidade e irrefutabilidade das Cinco Vias propostas por S. Tomás (pág. 25), considera o ateísmo, professado por muitos no mundo de hoje, como uma recusa preconceitual aos reclamos de coerência impostos pela Lógica (pág. 26). O Prof. Antônio Joaquim Severino, ao estudar o problema do ateísmo, pensa que o ateísmo moderno decorre da atitude anti-religiosa peculiar do mundo contemporâneo e se propõe, em contraposição a um ateísmo religioso e sentimental do passado, como um ateísmo consciente e crítico que nega, de forma explícita, a transcendência divina para sustentar as exigências de um humanismo antropocêntrico, outra característica da época contemporânea. Na perspectiva desse antropocentrismo em que as filosofias proclamam a auto-suficiência do homem, a admissão de Deus, não só é incompatível com essa auto-suficiência, mas é imperioso negar, teorica e praticamente, Deus para salvaguardar, com intransigência, o homem em plenitude, segundo os critérios desse novo humanismo. Considera o Prof. Antônio Joaquim Severino esse "humanismo intransigente" como uma atitude provisória de uma "crise em evolução", contrapondo-se não tanto à afirmação metafísica de Deus, mas às concepções de Transcendência do pensamento moderno e contemporâneo (pág. 92). Carlos Beraldo salienta a complexidade das causas geradoras do ateísmo no mundo de hoje e lembra que, se pretendêssemos diagnosticá-lo, à luz de uma pesquisa estritamente filosófica, descobri-lo-íamos dependente da ausência de reflexão

metafísica, determinada, quer pelo descaso quer, principalmente, pela emergência de um pragmatismo e de um empirismo, gerados pelo brilho com que as conquistas da ciência e da técnica empolgam o espírito do homem contemporâneo (pág. 141).

Após refutar as teses de que o ateísmo se prende ao não reconhecimento por parte do homem de sua "radical finitude" ou representa uma decorrência do "contratestemunho" oferecido pela Igreja, refratária ao progresso do mundo contemporâneo, Emílio Silva, reconhecendo a complexidade de causas responsáveis pelo ateísmo moderno, sintetiza todas essas causas no naturalismo que aprisiona o homem dentro das fronteiras da natureza e da razão humana, impedindo-lhe toda e qualquer emergência para uma ordem sobrenatural (pág. 213). Fernando Arruda Campos, após discorrer sobre a imprescindibilidade de abertura do ser do homem ao Ser em plenitude que dá sentido ao existir humano, declara o absurdo do humanismo ateu que, enclausurando o homem numa auto-suficiência insconsistente coloca-o perante o nada que lhe corrói a existência e representa o desfecho do seu egoísmo (pág. 263). Ivan Monteiro de Barros Lins, firmado nos princípios do positivismo, não admite a existência de Deus, não se identificando, todavia, conforme salienta, com os ateus que se embalam nos "sonhos metafísicos sobre a origem do mundo ou do homem". Sustenta que a "crença em Deus é muito mais uma questão de sentimento do que de razão" (pág. 338).

Muitas outras idéias apresenta o volume extremamente fecundas para a reflexão filosófica, mesmo porque freqüentemente polêmicas, ao focalizar problemas como o da objetividade do saber filosófico, do relacionamento entre Filosofia e História, da contribuição da Filosofia para humanizar a civilização de hoje, do relacionamento entre Metafísica e Ética, do sentido de uma Filosofia cristã, da tarefa a ser desempenhada para levar a Filosofia às grandes massas populares e à juventude.

A contribuição oferecida pelos vinte e sete representantes da Filosofia no Brasil que no volume traçam, dispostos numa seqüência alfabética de nomes, o seu auto-retrato filosófico, comunicando o próprio pensamento na sua gênese, no seu desenvolvimento e na sua estrutura atual, é sumamente preciosa para que se possa estabelecer contacto vivo e dinâmico com o pensamento filosófico no Brasil de hoje.

A fecundidade e a riqueza dessa contribuição não se deixam, evidentemente, encerrar dentro dos limites forçosamente restritos de uma

resenha em que apenas alguns temas são enfocados de modo particular e somente alguns dos que se auto-retratam têm as suas posições filosóficas relacionadas, sem que isso represente, de maneira alguma, menosprezo ou indiferença perante a contribuição dos demais, significando tão — somente a impossibilidade de abrangê-los todos.

Os moldes em que foi estruturada a presente publicação, pelo caráter necessariamente sintético das diversas contribuições e pelo posicionamento, em forma panorâmica, de uma multiplicidade de mundividências, não raro, reciprocamente antagônicas e profundamente polêmicas, conferem-lhe uma fecundidade inteiramente especial, fundamentada na exigência natural e imperiosa de explicitação analítica das idéias germinalmente nela contidas e na necessidade também natural e imperiosa de se tentar, numa reflexão sem prevenções e preconceitos, a superação dos antagonismos das posições filosoficas nela assumidas.

Por isso tudo, o livro adquire caráter amplamente prospectivo. Constitui, sem dúvida, um repositório precioso de idéias e informações bibliográficas que, só por isso, já o recomendariam ao leitor brasileiro, estudiosos das idéias filosóficas no Brasil, que se mostrasse satisfeito, talvez, com uma visão fotográfica e inerte da presença da Filosofia na cultura brasileira de hoje. Entretanto, oferecendo muito mais que isso, o livro marca o seu aparecimento na literatura filosófica brasileira porque, esquivando-se à estagnação do presente, se volta para o futuro e deixa entrever, com nitidez, um vasto projeto de trabalho e construção num país jovem, onde quase tudo se encontra ainda em fase de elaboração e desenvolvimento, inclusive a Filosofia, representando, por isso, insistente apelo à participação de todos na reflexão filosófica sobre os problemas do Brasil contemporâneo.

Francisco de Paula Souza